Réu do mensalão, petista comandará a principal comissão da Câmara

PT escolhe João Paulo Cunha, acusado de lavagem de dinheiro, para presidir CCJ

Isabel Braga e Adriana Vasconcelos

● BRASÍLIA. Num acordo fechado pela cúpula petista, o deputado João Paulo Cunha (PT-SP), um dos réus no processo do mensalão que tramita no Supremo Tribunal Federal (STF), presidirá a Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), principal comissão temática da Câmara. Ele foi o escolhido para iniciar o rodízio no comando da CCJ com o colega Ricardo Berzoini (PT-SP), que ocupará seu lugar no segundo ano do mandato de dois anos da presidência da comissão.

O fatiamento do mandato foi a fórmula usada para dar fim ao embate entre alas da bancada petista que disputam espaço na Câmara, desde a escolha do deputado Marco Maia (PT-RS) para presidir a Casa. A vaga na CCJ estava sendo agressivamente disputada por João Paulo e Berzoini.

No processo do mensalão, João Paulo é réu por lavagem de dinheiro, corrupção e peculato. Segundo a denúncia da Procuradoria Geral da Republica, ele teria enviado a esposa, Márcia Regina Cunha, ao Banco Rural para receber R$ 50 mil do esquema operado pelo ex-tesoureiro do PT Delúbio Soares. O objetivo seria "ocultar a origem, natureza e o real destinatário do valor pago como propina".

Ailton de Freitas/5-11-2009

JOÃO PAULO: presidência da CCJ será fatiada entre ele e Berzoini

João Paulo disse que trabalhará para dar celeridade aos projetos na CCJ. Ao ser perguntado se o fato de ser réu no processo do mensalão poderá prejudicar sua atuação, respondeu:

— Não sou condenado, fui reeleito, nas duas últimas votações, o mais votado do PT. Estou seguro da minha inocência e confiante na Justiça. Vou ajudar a dar celeridade às leis e às medidas para um país melhor.

Líder do PT, Paulo Teixeira (SP) disse não ver problema no fato de João Paulo assumir a CCJ:

— Ele está gozando plenamente seus direitos políticos. O vínculo dele com a bancada dá condições de pleno exercício de qualquer função.

O PT usou método semelhante adotado pelo partido no Senado, onde o mandato de dois anos na vice-presidência da Mesa Diretora foi dividido entre Marta Suplicy (SP) e José Pimentel (CE). O acordo na Câmara garantiu ainda, à ala que apoiou a eleição de Maia, mais espaço na Casa: Arlindo Chinaglia (PT-SP), um dos coordenadores da campanha de Maia, será o relator do Orçamento da União deste ano.

Comissão de Infraestrutura do Senado ficará com PSDB

Indagado se o método de dividir a ocupação de espaços estava sendo recorrente no PT, Teixeira brincou:

— Não é divididinho, é unidinho. O partido está inteiro, vibrante. Houve um entendimento de natureza política, não teve vitória ou derrota.

No Senado, os líderes partidários chegaram a um consenso sobre a distribuição das comissões. Prevaleceu o critério da proporcionalidade partidária, conforme vinha sendo defendido pela Mesa Diretora.

Mesmo contrariado, o PT, que reivindicava a aplicação da regra da proporcionalidade dos blocos partidários — por liderar o maior deles —, aceitou o acordo e desistiu de disputar no voto com os tucanos a presidência da Comissão de Infraestrutura. O posto é estratégico para o governo petista, devido às obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Essa comissão ficará com o PSDB. ■

COLABOROU: *Cristiane Jungblut*

A nova rotina de Lula fora do poder

Ricardo Kotscho

● Aos amigos que lhe perguntam como está se sentindo de volta à planície, seis semanas depois de passar o cargo de presidente da República para Dilma Rousseff, Lula deixa claro que não está nada fácil adaptar-se à nova rotina: "É como se você estivesse dirigindo a 300 por hora, desse um cavalo de pau e, de repente, o carro parasse no meio da estrada…".

Outra imagem que surgiu na nossa conversa no final da tarde de segunda-feira foi a de alguém que simplesmente tiraram da tomada. Lula sentiu isso literalmente no dia em que deixou Brasília e voltou para o seu apartamento em São Bernardo do Campo: à meia-noite, foram desligados os aparelhos de comunicação da antiga segurança presidencial.

De roupa esporte, acompanhado apenas dos antigos e fiéis assessores Clara Ant e Paulo Okamoto, de um secretário e dois seguranças, tudo o que restou da antiga corte, o ex-presidente agora conversa sem pressa com quem o visita em seu "gabinete provisório", uma suíte no último andar de um hotel na Zona Sul paulistana.

Sem deixar de ajudar a mulher, Marisa, a desencaixotar a mudança e em prosaicos afazeres domésticos, como lavar pratos, Lula está aos poucos saindo da toca de São Bernardo do Campo, para onde voltou na noite de 1º de janeiro, depois de ser o homem mais importante do país nos últimos oito anos.

Por mais que queira assumir o papel de ex, ele é tratado por onde passa como se ainda fosse presidente. Vai demorar algum tempo para que Lula possa "desencarnar" da Presidência, como ele mesmo tem falado, e os brasileiros que o elegeram duas vezes se acostumem com seu novo papel.

Habituado desde os seus tempos de presidente do sindicato dos metalúrgicos, nos anos 70 do século passado, a viver rodeado de gente, holofotes e microfones, falar para grandes plateias e viajar para cima e para baixo, ele se programou para uma quarentena de obsequioso silêncio até a quarta-feira de Cinzas.

Só depois disso, quando puder voltar para o Instituto Cidadania, no bairro do Ipiranga, onde trabalhava antes de ser eleito presidente, que está passando por uma reforma, e montar uma assessoria de imprensa, Lula deverá começar a atender às dezenas de pedidos de entrevistas que seus assessores estão colecionando, vindos de toda parte, de dentro e fora do país.

Por enquanto, tem evitado se manifestar em público, só quebrando a promessa na semana passada, em viagem ao Senegal e na festa de aniversário do PT, quando foi homenageado e voltou a ser presidente de honra do partido.

Para quem se habituou a falar a toda hora, por onde passa, sobre qualquer assunto, não deve ser fácil, mas tem suas compensações.

Agora, por exemplo, ele tem tempo para visitar velhos amigos, como fez dias atrás, ao aparecer na casa do professor Antonio Candido, de 93 anos, petista histórico, apenas para bater um papo, que durou quase duas horas. Ou para falar longamente por telefone com dona Canô, sua amiga baiana, mãe de Caetano Veloso.

Entre esta quarta e quinta-feiras, ele tem vários compromissos marcados no Rio de Janeiro, além de encontrar o governador Sérgio Cabral: vai conversar com Chico Buarque e Maria Conceição Tavares, a direção do IBGE e o professor Marcelo Nery, da Fundação Getulio Vargas.

Na sua agenda para após o carnaval, Lula já tem marcadas quatro palestras no exterior. Má notícia para quem joga suas fichas num confronto entre criador e criatura, elogiando uma para criticar o outro: a relação de Lula com Dilma continua a mesma, sem ruídos nem intermediários. Os dois colocam a conversa em dia pessoalmente pelo menos uma vez a cada duas semanas.

Texto publicado no Blog 'Balaio do Kotscho', no IG

Ricardo Stuckert

LULA COM Chico Buarque: os dois acertaram uma partida de futebol

'Tenho que desencarnar. É difícil', diz ex-presidente

No Rio, Lula participou de encontros

Cássio Bruno

● Em sua primeira visita ao Rio após deixar a Presidência, Luiz Inácio Lula da Silva voltou ontem à cidade, onde ficará até amanhã, para uma série de encontros. Ele se reuniu no hotel Sofitel, em Copacabana, na Zona Sul, com o presidente do IBGE, Eduardo Nunes e com o economista Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), além do compositor Chico Buarque. Bem-humorado, o ex-presidente afirmou que ainda precisa "desencarnar da Presidência".

— Eu não defini ainda o que quero fazer. Tenho dito que, primeiro, tenho que desencarnar. É difícil. Quando um governante sai da Presidência com o povo escrevendo faixas na rua "fora fulano", "fora beltrano", ele (o governante) esquece logo. Mas, quando você sai com 90% (de aprovação), é muito difícil, porque a população está muito presente. Faz pouco tempo ainda. Estou tranquilo. Vou tomar muito cuidado para não dar nenhum passo errado, para fazer as coisas bem feitas. Tenho todo o tempo da vida pela frente — declarou Lula, ao chegar ao hotel, onde a diária custa entre R$ 2.785 e R$ 9.347.

Acompanhado por dois seguranças, assessores e pelo ex-presidente do Sebrae Paulo Okamoto, Lula também esteve com o ex-ministro da Secretaria Geral da Presidência Luiz Dulci. Lula negou que os encontros tenham a ver com a criação do Instituto Lula. O ex-presidente revelou que poderá marcar presença nos desfiles das escolas de samba no Rio, mas isso dependerá do estado de saúde do ex-vice-presidente José Alencar.

Perguntado sobre o aumento do salário mínimo, Lula desconversou:

— Política, só depois do carnaval, quando eu sair da quarentena.

Após reunião, Marcelo Neri disse que apresentou a Lula indicadores de pobreza e desigualdade social. Segundo o economista, o ex-presidente confidenciou ter vivido, em 2004, situação parecida com a da presidente Dilma Rousseff, em relação ao valor do aumento do mínimo, devido aos cortes feitos em 2003. Para Lula, disse Neri, "o ajuste foi tão forte quanto o de Dilma", de R$ 50 bilhões.

Já Chico Buarque não quis dar detalhes da conversa. Disse apenas ter tratado de amenidades e que ficou de marcar um jogo de futebol com Lula. O ex-presidente também jantou com o o governador Sérgio Cabral.

COLABOROU *Dandara Tinoco*

O GLOBO NA INTERNET
VÍDEO Assista a trecho da entrevista
oglobo.com.br/pais

Liberdade em Debate

Liberdade de Expressão

A liberdade de expressão anda bastante ameaçada nesta era do "politicamente correto". Durante o governo Lula, o PT chegou a preparar uma cartilha de termos que deveriam ser utilizados no lugar de outros, supostamente menos adequados. Quando o governo, mesmo que amparado por uma maioria, arroga-se o direito de impor até mesmo um uso "apropriado" da linguagem, é porque a liberdade individual já corre grande perigo.

Em um regime democrático legítimo, as minorias devem estar protegidas da tirania da maioria. O indivíduo deve ser livre para expressar suas ideias sem medo de coerção. Ninguém é obrigado a lhe ceder os meios de comunicação necessários. Cabe ao governo apenas garantir sua segurança ao se expressar. Tal liberdade trará consigo o risco de escutarmos ideias que consideramos até mesmo sórdidas. A liberdade existirá somente se as minorias forem livres para pregar suas ideias, por mais absurdas que possam parecer.

Há um método simples de se avaliar quão livre é uma nação: basta verificar se o indivíduo pode, em praça pública, contrariar em segurança o governo ou o consenso. Regimes autoritários, mesmo que "democráticos", não toleram este tipo de atitude. A fim de evitar este risco, os "pais fundadores" dos Estados Unidos criaram, logo na Primeira Emenda Constitucional, o direito de liberdade de expressão, estendido igualmente a todos. No modelo liberal, um socialista pode se expressar contra o liberalismo. Já no socialismo, o liberal provavelmente acabará em um Gulag.

O patrulhamento do "politicamente correto" tem colocado a liberdade em risco. Numa sociedade aberta, ser impopular é seguro, ao contrário do que ocorre em sociedades fechadas. É fácil pregar a liberdade quando isto se aplica somente àqueles com quem concordamos. O teste é quando precisamos tolerar o discurso contrário ao nosso, não quando garantimos a liberdade de todos repetirem, como vitrolas arranhadas, o consenso. Mesmo um néscio deve ser livre para defender suas estultices.

> *Todo silêncio que se impõe à discussão equivale à presunção de infalibilidade*

O filósofo John Stuart Mill escreveu: "Se todos os homens menos um partilhassem a mesma opinião, e apenas uma única pessoa fosse de opinião contrária, a humanidade não teria mais legitimidade em silenciar esta única pessoa do que ela, se poder tivesse, em silenciar a humanidade".

E acrescentou: "Se a opinião é correta, privam-nos da oportunidade de trocar o erro pela verdade; se errada, perdem, o que importa em benefício quase tão grande, a percepção mais clara da verdade, produzida por sua colisão com o erro".

Todo silêncio que se impõe à discussão equivale à presunção de infalibilidade. O cerceamento da liberdade de expressão coloca em risco o progresso. Basta pensar como estaria o mundo se as ideias controversas do passado tivessem sido silenciadas pelo consenso da época. Galileu, Newton, Darwin, Einstein, Freud e vários outros não teriam tido a oportunidade de expor suas teorias, que contrariavam a opinião dominante da época. Quem ataca a liberdade de expressão está contra o progresso da civilização.

Rodrigo Constantino

Economista e membro-fundador do Instituto Millenium

Conteúdo produzido pelo Instituto Millenium

INSTITUTO Millenium
www.imil.org.br